

UMA ANÁLISE SOBRE AS EXPRESSÕES CRISTALIZADAS EM CANÇÕES DE DIFERENTES ÉPOCAS

Edileni Moraes Pereira (Autora)
Prof. Leandro Zanetti Lara (Orientador)¹

Resumo

O presente trabalho tem por finalidade o estudo das Unidades Lexicais Complexas, introduzidas por compositores de samba, interpretados pelos cantores Lupicínio Rodrigues e Zeca Pagodinho e pela banda Fundo de Quintal, levando em conta o lapso temporal existente entre as obras desses três intérpretes. Usa como metodologia a identificação, classificação e o grau de cristalização de expressões idiomáticas, bem como a intensidade de seu uso com o passar do tempo nas letras das músicas. Conclui que existe uma tendência de aumento de Expressões idiomáticas com o passar do tempo e que há grande subjetividade quanto à análise da cristalização.

Palavras Chave: Expressões Cristalizadas, samba, verbo suporte.

Introdução

Este artigo é dedicado a um dos tópicos dos estudos do léxico: as unidades lexicais complexas (ULCs). Pretende-se aqui efetuar uma análise de um conjunto lexical formado por expressões recolhidas de um *corpus* constituído por exemplos do cancionário brasileiro, focalizando as ocorrências de tais unidades nos exemplos elencados.

¹ Professor do Pós-Graduação Lato Sensu Especialização em Gramática e Ensino da Língua Portuguesa, Instituto de Letras, UFRGS,

O referido *corpus* foi organizado de forma a congregar letras de samba de diferentes épocas da história da música brasileira. Tal gênero musical é sobremaneira conhecido por registrar, em seus versos, os usos cotidianos, tendendo a espelhar a um registro não formal do português brasileiro, constituindo, assim, um espaço privilegiado para se investigar o fenômeno de que estamos aqui tratando – as unidades lexicais complexas –, uma vez que estas são cunhadas a partir dos usos do português muito mais do que de regras gramaticais (quanto mais normativas), em conformidade com a tendência geral dos léxicos das línguas de consistirem em arcabouços da tradição e história sociolinguística de uma dada comunidade.

Pontualmente, privilegiam-se três eras: a) o entorno dos chamados anos dourados da música brasileira (de meados dos anos 40, passando pelos anos 50 até meados dos anos 60); b) os anos 70 e c) os anos 80. Como representantes de cada uma destas etapas, elegemos os seguintes compositores: a) Lupicínio Rodrigues; b) Grupo Fundo de Quintal e c) Zeca Pagodinho.

O objetivo da pesquisa é, pois, efetuar um mapeamento das unidades lexicais complexas presentes nas canções, buscando verificar quais tipos de formação lexical subjazem ao léxico em estudo, classificando-os segundo, entre outros, critérios de congelamento – também denominado fixidez ou cristalização – das referidas formas linguísticas.

Para realizar a análise almejada, veler-nos-emos de dois tipos de teoria: a) o primeiro contará com a contribuição dos estudos gramaticais de cunho mais tradicional, nomeadamente tomaremos como base as conceituações acerca do estudo estrutural do léxico (ou lexemática) desenvolvidas em Bechara (2002); b) teoria do léxico, focalizando as definições e classificações das unidades lexicais complexas, conforme Biderman (2011), entre outros, sobretudo em relação à noção de grau de cristalização das formas lexicais complexas.

À análise dos dados do *corpus*, seguir-se-á uma aplicação de cunho didático, com vistas a propor alternativas para o ensino do léxico da língua portuguesa, que, há muito, vem tendo sido relegado a uma posição secundária nas aulas de português, que, ainda, na maioria dos casos, persistem em pautar-se pelo foco no ensino preponderantemente gramatical-normativo.

O encaminhamento das discussões dos dados direcionará as conclusões do trabalho no sentido de sugerir novos caminhos de pesquisas futuras sobre o léxico do

português, ainda um campo de investigação fértil no âmbito dos estudos de descrição do português.

1. Unidades Lexicais Complexas

As teorias lexicais, assim como outras áreas dos estudos gramaticais/linguísticos, apresentam um grande problema terminológico: como denominar os conceitos que já receberam tantas variadas denominações ao longo dos séculos em que se estudam as línguas?

Da mesma forma que na gramática temos conceitos cujos termos remontam à Antiguidade Clássica, a lexicologia também apresenta suas incongruências em relação aos termos utilizados na tradição gramatical, na vulgarização científica e nas próprias Ciências da Linguagem. A noção à qual voltamos nossa atenção aqui não é uma exceção a essa regra, pois as unidades lexicais que transcendem os limites de uma palavra (também chamada de unidade lexical simples nos estudos lexicológicos) receberam e recebem nomenclaturas diversas entre elas, expressões cristalizadas, combinatórias lexicais, fraseologismos, unidade léxica, idiotismo, modismos, etc. Cabe ressaltar que tais terminologias serão também abordadas ao longo do nosso trabalho.

Inicialmente, poderíamos supor que as expressões idiomáticas (doravante, Ei), ou expressões cristalizadas são difíceis de ser encontradas. Contudo, ao conhecermos o significado do termo, percebemos que elas são muito mais comuns do que imaginamos. Trata-se de um tema árido, raramente abordado pelos gramáticos e pela própria linguística, sobre isso, Biderman (2011, p.747), afirma que “trata-se de um fenômeno de envergadura que a lingüística ignora pela ausência de estudos sobre a matéria.”

Tais unidades são encadeamentos de, ao menos, duas expressões espaçadas por brancos, hífen ou apóstrofos: mercado negro, caixa eletrônico, caixa preta. Mesmo sendo constituídas por mais de uma expressão, elas se dispõem funcionalmente como uma única categoria léxico-gramatical. Deste modo “...caixa eletrônico composto de N+Adj comporta-se semanticamente como substantivo e *levar a cabo* e *levar grana* comportam-se como verbo.” (p. 751)

Garrão e Dias (2011, p. 168 – 169), partem da mesma premissa de Biderman (2011) afirmando que: “A definição tradicional de (EI) postula que seu significado não pode ser inferido através do significado de suas partes”. Em outras palavras, se

analisadas isoladamente, as (EIs) não terão nexos algum. Contudo, juntas, dão um sentido diferente à expressão, logo, é preciso olhá-las como se fossem uma palavra só. “...a EI é uma unidade lexical elementar: “embora consista em mais de uma palavra, apresenta uma coesão interna de palavras únicas”. Cruse *apud* Garrão e Dias (2011, p.38)

Dessa forma, as (Eis) são expressões semanticamente opacas cujo significado é inferido no todo, e não através da leitura de cada um de seus componentes. Entretanto, apresentam diferentes graus de opacidade, ou seja, as que possuem alto grau terão pouco ou quase nada de sentido nas unidades separadamente, já as expressões com baixo grau, terão algum significado se analisadas do mesmo modo.

Basta observar, para notarmos que tais expressões, se analisadas isoladas, em nada tem a ver com o sentido originado pela análise das palavras juntas. Em geral, cada região, conforme sua cultura e costumes, cria suas próprias expressões, assim, uma expressão bastante conhecida em Porto Alegre, pode não ser conhecida no Rio de Janeiro, por exemplo.

No exemplo: “chegamos abafando”, se analisarmos o verbo *chegamos*, imaginamos simplesmente o fato de chegar a algum lugar, do mesmo modo que abafando, nos remete ao significado de uma pessoa que chega tentando abafar um incêndio, abafando uma criança com um cobertor, uma panela com a tampa, etc.

Entretanto, no caso do exemplo supracitado, temos uma combinatória cristalizada, ou seja, uma herança cultural que em algum momento da história se tornou fixa, se fossilizou por ser aceita em determinada comunidade linguística.

Devido à dificuldade de interpretá-las através da análise separada de seus constituintes, o seu significado foi semanticamente convencionalizado. Por convencionalidade entende-se: “aquilo que é tacitamente aceito, por uso ou consentimento geral, como norma de proceder, de agir, no convívio social; costume; convenção social”. Ferreira *apud* Abreu (2011, p. 3)

A acepção “modismos” é também concernente às (Eis) pelo fato de se tratarem de locuções específicas de uma língua, cuja tradução canônica, não faz sentido em outra língua de estrutura semelhante, pois, em geral, o significado individual dos constituintes da expressão não é praticável, já que os seus constituintes perdem sua identidade própria a despeito de um novo significado, oriundo da junção das palavras em uma só expressão, não permitindo assim, supressão ou acréscimo de um elemento.

Observemos a expressão *chutar o balde* e sua variação, no pretérito perfeito, *chutou o balde*. Neste caso, o grau de flexibilização da expressão é limitado, não permitindo que sejam acrescentados novos elementos como em *o balde foi chutado*, sob pena de perder a condição de expressão cristalizada.

Outra importante característica destas expressões, é que elas estão presentes tanto na linguagem oral quanto escrita de determinadas comunidades lingüísticas, e são também comumente utilizadas como ferramenta lingüística nas linguagens publicitária e literária. Além disso, são herança cultural e não lingüística, ouvidas em nosso meio social ou inventadas por nós mesmos e não estão inseridas em nenhuma regra lingüística. Sobre isso, Biderman (2011, p. 756), postula que: “...as (Eis) são aprendidas de cor como se aprende o vocabulário do idioma e elas fazem parte do acervo da cultura e não do sistema lingüístico”.

É possível afirmar que as (Eis) partem da necessidade de abreviar caminho ao descrever histórias ou fatos triviais, por isso fazem parte do nosso cotidiano, variam conforme a região, a cultura e o contexto social, estando presentes em jornais, revistas, em suma, nas mais variadas situações e veículos de comunicação. Em contrapartida, segundo definições, em sua maioria reproduzidas por dicionaristas, estas expressões, tanto no plural quanto no singular, podem ser consideradas eventos de fala, assim sendo, com raras exceções, não podemos encontrá-las no dicionário, ficam, pois, registradas e armazenadas tão somente, no arquivo de memórias das pessoas, já que são, em geral, conhecidas pelo uso e criadas nos mais diferentes tipos de situação, de cultura. Segundo Biderman (2011, p. 756):

Por outro lado, sabemos que estas Eis vão sendo armazenadas na memória individual e na memória coletiva e passam a fazer parte do léxico da língua. Entretanto, e infelizmente, raramente elas foram registradas nos dicionários da língua como seria desejável.

Um outro fenômeno lexical a ser mencionado é o caso dos verbos de suporte, também chamados verbos-suporte. Sobre tais expressões, Biderman (2011, p. 751), afirma:

O verbo aparece semanticamente vazio, ou esvaziado de conteúdo. O significado global e as restrições de seleção são determinadas pelo complemento verbal, e não pelo verbo.

A exemplo disso podemos citar: *bancar o palhaço, dar um tempo, ter cara de pau*. Embora o verbo seja lexicalmente vazio, ele colabora semanticamente para o total da construção.

No exemplo: *jogar a vida fora, temos*, em princípio, um verbo transitivo direto, já que, a rigor, quem joga, joga alguma coisa. Entretanto, ao analisarmos a unidade, perceberemos que o verbo *jogar*, neste contexto, está funcionando como verbo suporte, que, por sua vez, desempenha simplesmente uma função nominativa, enfatizando o nome (SN) a que está vinculado, no caso, *vida*.

Corroborando o exemplo, Silva (2009, p. 40), afirma que:

O verbo-suporte pode enquadrar combinações de “verbos gerais (classes especiais de verbos como fazer, dar, ter, pôr, tomar)” + SN em que os verbos apresentam um certo grau de esvaziamento do sentido lexical, mas que conservam uma acepção cuja contribuição para o significado total pode ser explicitada (dar um riso= rir, dar uma investida= investir, dar uma olhada= olhar, ter confiança= confiar...).

Lexicalmente, não existe uma regra fixada para a identificação de (Eis), estas são determinadas como unidades gráficas, também designadas icônicas, metafóricas, figuradas, e não composicionais, presentes em todas as línguas, sejam antigas ou modernas. Nesse contexto, Biderman, (2011, p. 747) postula que:

O léxico de uma língua inclui unidades muito heterogêneas – desde monossílabos e vocábulos simples até sequências complexas formadas de vários vocábulos e mesmo frases inteiras como é o caso de muitas expressões idiomáticas e provérbios. Por outro lado, não existem critérios teóricos abrangentes e bem estabelecidos para o reconhecimento das unidades complexas de um idioma. Aliás, o fenômeno da lexicalização de combinações lexicais (sintagmas discursivos) não se verifica de modo uniforme e reiterado e também logicamente estruturável.

É relevante considerar as ponderações feitas por Garrão e Dias (2011, p. 170), sobre as expressões não-idiomáticas: “Qualquer expressão que é divisível em constituintes semânticos é chamada de não-idiomática ou semanticamente transparente”. Estas são construções que podem ser compreendidas separadamente, ou seja, não é necessário lê-las como se fossem uma única expressão para que o sentido seja inferido, por exemplo: *o cachorro está em cima da casa*, no sintagma sublinhado, podemos entender que, se o animal está em cima, ele está em cima de alguma coisa, no caso, da casa.

De posse destas diferenças conceituais básicas, tornaremos nossa atenção às conceituações de Bechara (2002), que reserva as expressões cristalizadas para a seção “Vícios e Anomalias de Linguagem”, mencionando-as como carga negativa, logo, devem ser evitadas.

Embora estejamos tratando de expressões de uso recorrente, tanto no âmbito discursivo quanto escrito, estas são, de certa forma, preteridas pelo autor, que as trata de maneira bastante superficial. Afirmando que:

...idiotismo ou expressão idiomática é toda maneira de dizer que, não podendo ser analisada ou estando em choque com os princípios gerais da Gramática, é aceita no falar culto. (p. 603)

Ainda que tal autor não distinga entre as várias formas de fraseologismo, podemos observar que o referido descreve com clareza a definição de expressão idiomática.

Noimann (2011) cita que distingue dois grandes grupos: a) as locuções, que necessitam combinar-se com outros elementos no interior da frase (por exemplo, *como um louco, um mar de rosas, sofrer as consequências*); e b) os enunciados fraseológicos, que são capazes de construir por si mesmos enunciados completos (por exemplo, *muito obrigado; até logo; em casa de ferreiro, espeto de pau; faça o bem e não olhe a quem*, etc.). Uma segunda proposta de classificação é ainda a divisão entre idiomáticas e não idiomáticas:

Por unidades fraseológicas idiomáticas, Zuluaga compreende as unidades combinadas que têm fixação e idiomaticidade, como acontece com a já citada [a olhos vistos], em que o conteúdo semântico das partes não é recuperado, isto é, a expressão como um todo é que adquire um significado; por não idiomáticas, a autora compreende unidades que ainda atualizam o conteúdo semântico das partes, como acontece com [dito e feito]...Zuluaga apud Noimann (2011, p. 16)

A definição de Bechara se aproxima da de Zuluaga (*apud* Noimann), no sentido que os idiomatismos não podem ser analisados (fixação nos termos de Zuluaga), nem correspondem a sequências comuns no idioma (não seguem os princípios gerais), uma vez que são formas cristalizadas (um princípio geral é que as formas são livres).

Tal autora nos fornece uma definição para *fraseologismo*, que nos servirá de norte para a conceituação das demais formas que observaremos.

De forma genérica, entende-se por fraseologismo, ou locução, a frase ou expressão cristalizada, cujo sentido geral não é literal, como acontece no português com as expressões *bater as botas*, *colocar os pés pelas mãos*, *receber de braços abertos*, *a olhos vistos*, *meus pêames*, etc. as quais são empregadas pelos falantes do português em certas situações e cujo sentido [...] não segue da soma dos sentidos das partes. Noimann (2011, p. 15)

Assim como a definição de Noimann (2011) sobre fraseologismos, nos valeremos das contribuições de outros autores que também utilizam tal definição. Começando por Vilela (2011, p. 161):

Funcionam como um processo de ampliação do léxico, servindo assim para a nomeação, qualificação, circunstanciação, ou, por outras palavras, contribuindo para a lexicalização da conceptualização e categorização da nossa experiência cotidiana. As fraseologias têm, como quaisquer unidades lexicais não fraseológicas, carácter de signo e têm por isso uma função nomeadora: nomeiam de modo codificado e sistemático um denotado ou classe de denotados, representando esquemas mentais de objectos ou de estados de coisas.

Ainda segundo o autor, as fraseologias reinventam novas características que lexicalizam, rumando para o domínio da expressividade que, no denominado “léxico mental”, são as emoções, as atitudes as interpretações subjetivas, os comportamentos, não raro, com tendência negativa.

O fraseologismo dá nome de maneira mais significativa, ou avigora a expressividade, caso ela já exista lexicalizada em outro formato. Por este motivo, fica mais clara a razão pela qual o uso de tais expressões é tão comum em textos com predomínio comunicativo em que impera a oralidade.

Para Vilela (2011) as fraseologias são “combinações de palavras (ou grupos de palavras) relativamente estáveis cujo significado global interno de uso difere do significado global externo de uso dos constituintes individuais em combinações livres.” (p. 162). Para ele, nas fraseologias, o sentido particular é perdido, sendo instituído, em conjunto, um novo significado fraseológico.

O autor defende ainda, que, os critérios habitualmente utilizados para identificar os fraseologismos são o da **fixidez**, que incide na impossibilidade de separar de um grupo e o da **idiomaticidade** em que o sentido não é efeito do sentido dos morfemas, o da tipicidade sintática e semântica, pois além da opacidade semântica, as unidades como tais não entram na composição de outras unidades. Já sobre o

idiomatismo, estamos diante de uma composição específica de uma língua, sem qualquer equivalência sintática em outra língua.

Sobre fixidez, Biderman (2011) defende que não há, por parte dos falantes, um consenso sobre o grau de cristalização desses segmentos, as demarcações são inconsistentes, sendo assim, impossível determinar onde termina o acervo cultural e começam as combinações léxicas.

Entretanto, propõe uma série de testes em que é possível avaliar o grau de cristalização destas unidades. Para sequências sem verbo sugere que a nominalização não é possível, neste caso, *mercado negro [o negrume do mercado]*, *olho gordo[a gordura do olho]* e *caixa preta [o pretume da caixa]*. Já para sequências com verbo, indica entre outros, o teste da inserção, em que apresenta como exemplos *levar ao ar [levar rapidamente ao ar]*, *levar anos [levar muitos anos]*, *ter a cabeça feita [ter a cabeça totalmente feita]*. Biderman (2011, p. 753 e 754)

Ainda acerca da fixidez ou congelamento das (Eis), são relevantes as contribuições de Vilela (2011) sobre as quais podemos concluir que a intensidade destes podem ser parciais ou totais, ou seja, há graus de fixidez. A fixidez pode ser apontada como um bloqueio do ponto de vista sintático e semântico. A exemplo disso, o autor cita: “...em *música ligeira*, não é possível substituir por *música leve*, ou *música não pesada*. Estas sequências funcionam em bloco e devem surgir, nos dicionários, como entradas.” (p. 167). Ainda segundo o autor, trata-se de seguimentos que acabam com o paradigma.

Outro exemplo citado pelo autor é a expressão “*vinho tinto*, em que, apesar da fixidez, pode haver escolha: *vinho branco*, *vinho rose*, *vinho verde*, *vinho maduro*” (p. 167). Isto é, a ausência de paradigma é o caso limite da fixidez.

Com este breve panorama, tentamos observar unidades lexicais complexas de um ponto de vista de suas definições, sobretudo no que tange à sua dimensão sintática (fixidez, congelamento, não inserção, etc.). Assim, levando em conta o nível da forma em si, temos vários tipos de unidade complexa, entre eles, os fraseologismos, as expressões idiomáticas e as expressões com verbo-suporte. Cabe agora adentrarmos a dimensão da semântica, e observarmos que tipo de sentido tais formas apresentam e como eles se estruturam.

2. A Dimensão Semântica das ULCs

No âmbito deste trabalho, também discorreremos acerca das alterações semânticas, sobretudo de natureza metafórica e metonímica, porque um dos objetivos aqui é o de observar que tipos de sentidos as unidades complexas (fraseologismos e idiomatismos) apresentam. Muitos autores apontam que é frequente que ao lado da *forma* cristalizada (dentro da qual não podem ser inseridos outros vocábulos, portanto, fixa, congelada) exista também um *sentido* cristalizado, ou melhor, um sentido tal que não corresponde à soma dos sentidos dos termos isolados que compõem a expressão ou fraseologismo e que na grande maioria das vezes é de ordem metafórica ou metonímica. Um desses autores é Vale (1999, p. 164), que postula que:

De fato, na construção das expressões cristalizadas pode-se dizer que a maioria esmagadora dos casos parte de uma metáfora. Essas metáforas geralmente usam elementos concretos para exprimir conceitos abstratos.

Vale (1999) menciona um estudo feito por Lankoff (1986), que aborda metonímias como uma das possíveis origens de fraseologismos e idiomatismos:

Ele estabelece uma tipologia, classificando as expressões segundo um certo número de metáforas e metonímias mais ou menos recorrentes. Assim, inicia sua análise a partir de uma teoria popular (folk theory) que partiria da metonímia dos efeitos que a raiva exerce sobre o corpo humano. Deste modo, a raiva é metaforizada como calor, fluido, fogo ou líquido inflamável. Lankoff (1986) *apud* Vale (1999, p.168)

Ainda segundo o autor, em português, expressões que denotam raiva, tais como: *explodiu de raiva, rodou a baiana, perdeu a paciência, perdeu as estribeiras e tem o pavio curto*, também poderiam assim ser consideradas.

Abreu (2011) também concorda que as expressões idiomáticas são motivadas por metáforas e metonímias, alegando que o sentido dos fraseologismos e idiomatismos vai da definição rigorosa da expressão à definição simbólica idiomática. Ou seja, para ser uma expressão idiomática, o sentido passa, antes, por uma metáfora ou metonímia.

Dizer que as expressões idiomáticas são motivadas conceitualmente significa dizer que existem mecanismos cognitivos, tais como metáforas, metonímias e conhecimento convencional, que relacionam o significado literal ao significado figurado idiomático. (Abreu, 2011, p. 95).

Além dos autores citados, podemos levar em consideração as contribuições dos gramáticos de cunho mais tradicionalistas. Citemos o trabalho de Bechara (2002, p. 397) que discorre acerca das *Alterações Semânticas*, que correspondem ao “estudo funcional das mudanças semânticas no léxico.”

Nessa perspectiva, a definição original de uma palavra nem sempre é conservada ao longo de sua história, e por inúmeras razões, acaba por adquirir novos sentidos que transpõem os contornos de seu campo semântico. Do mesmo modo, a língua vive em constante transformação, seja por influência do meio ou dos falantes.

Bechara afirma que o significado das palavras está intimamente relacionado ao mundo das idéias e dos sentimentos e cita Gregóire para melhor exemplificar sua fala:

entre as idéias, entre os pensamentos não há separação absoluta por isso que as associações se estabelecem, sem cessar, de uns para os outros. ...A palavra *coração* serviu para exprimir tanto a parte interior de um legume ou fruta: *coração de melancia*, ou a essência de um assunto: *está no coração da questão*, como ainda os sentimentos cuja sede parece estar no fundo de nosso ser: *este homem não tem coração*, etc. Todas as associações deste gênero dão origem ao que se chama, em literatura, *imagem*; as imagens da linguagem corrente não diferem muito, pela sua natureza, das que brotam da imaginação dos poetas e dos escritores em geral. Gregóire *apud* Bechara (2002, p. 397)

Os exemplos, pertinentemente utilizados por Gregóire, nos possibilitam ver o quanto o universo dos significados pode ultrapassar o campo semântico com riqueza e complexidade. A linguagem sofre mutações e através de analogias, os mais diversos significados surgem a uma única e simples palavra.

Entre as causas que motivam a mudança de significação das palavras estabelecidas pelo autor, nos valeremos da *metáfora* e da *metonímia* para análise do corpus presente neste trabalho.

a) **Metáfora**: Trata-se da substituição de uma expressão por outra que tenha relação de semelhança. Bechara (2002) utiliza a seguinte definição: “translação de significado motivada pelo emprego em solidariedades, em que os termos implicados pertencem a classes diferentes, mas pela combinação se percebem como assimilados.” (p. 397)

Ex.: pele de **pêssego**, humor **negro**, **doce** ilusão.

Em uma observação à parte, Bechara (2002) faz a seguinte colocação:

Importa, outrossim, distinguir a metáfora *lingüística* (linguisticamente motivada pelo descompasso dos termos implicados nas solidariedades) da metáfora *motivada extralinguisticamente* pelo nosso saber sobre as coisas, como ocorrem expressões metafóricas do tipo de *não ponha a carroça diante dos bois* para expressar a inversão incorreta de uma ação ou de um juízo. As metáforas têm largo emprego na língua espontânea e na literária, e nesta teve grande difusão entre os poetas simbolistas. (p. 398)

Ora, se analisarmos a observação do autor, é perfeitamente possível fazer uma comparação entre as metáforas motivadas extralinguisticamente e as expressões cristalizadas, que, do mesmo modo, não são produzidas em situações formais de fala, são carregadas de um forte traço cultural do falante e amplamente exploradas tanto na linguagem literária, quanto nas letras das músicas populares.

Para a descrição de metonímia, Bechara (2002) traz apenas um pequeno conceito, elencando exemplos para cada uma das subclasses.

b) Metonímia: “translação de significado pela proximidade de idéias” (p. 398):

1 – causa pelo efeito ou vice-versa ou o produtor pelo objeto produzido:

um **Rafael** (por uma quadro de Rafael), as **pálidas** doenças (por doenças que produzem palidez), **ganhar** a vida (por meios que permitam viver), ler **Machado de Assis** (i. é, um livro escrito por M. de Assis).

2 – o tempo ou o lugar pelos seres que se acham no tempo ou lugar:

a **posteridade** (i. é, as pessoas do futuro), a **nação** (i. é, os componentes da nação).

3) o continente pelo conteúdo ou vice-versa:

passa-me a **farinha** (i. é, a farinha), como **dois pratos** (i. é, a porção da comida que dois pratos continham).

4 – o todo pela parte ou vice-versa:

diz a **Escritura** (i. é, um versículo da Escritura), encontrar um **teto amigo** (i. é, uma casa).

5 – a matéria pelo objeto:

um **níquel** (i. é, moeda de níquel), uma **prata** (i. é, moeda de prata)

6 – o lugar pelo produto ou características ou vice-versa:

Jérsei (=tecido da cidade Jersey), **gaza** (=tecido da cidade de Gaza), **havana** (=charutos da cidade de havana), **greve** (as reuniões feitas na Place de la Grève).

7 – o abstrato pelo concreto:

A virtude vence o crime (isto é, as pessoas virtuosas vencem os criminosos); praticar a caridade (=atos de caridade).

8 – o sinal pela coisa significada ou vice-versa:

O trono (= o rei), o rei (= realeza) (Bechara, 2002, p. 398)

3. Organização do corpus

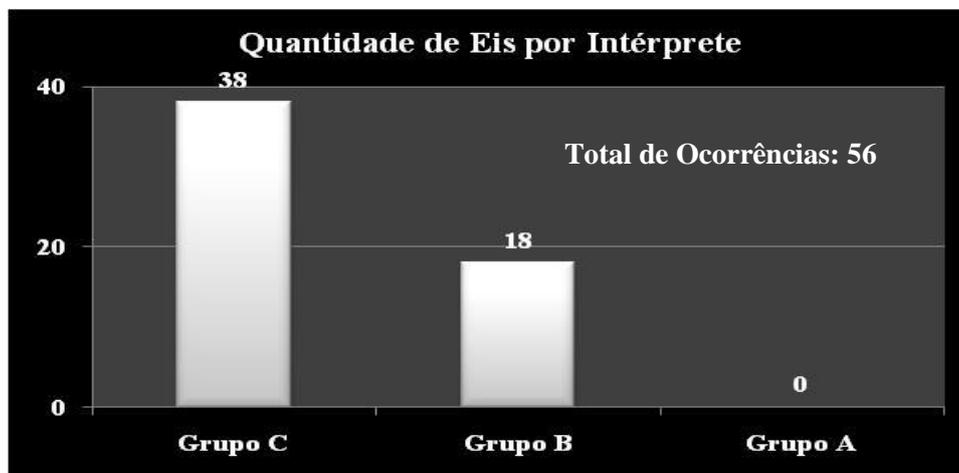
Tomaremos como base para análise do nosso *corpus* sambas de diferentes épocas, de três intérpretes, popularmente conhecidos por cantarem samba/pagode, quais sejam: Lupicínio Rodrigues – décadas de 40 a 60, Grupo Fundo de Quintal – década de 70 e Zeca Pagodinho – década de 80 até a atualidade. O primeiro, doravante denominado Grupo A, o segundo Grupo B e terceiro Grupo C.

Com base nas unidades lexicais complexas presentes no *corpus*, pautaremos nosso estudo na quantificação destas expressões para verificar em que época o uso é considerado mais recorrente. Visando à classificação quanto à origem metafórica ou metonímica, utilizaremos, também, os estudos propostos por Bechara (2002) sobre “alterações semânticas”, Vale (1999) e Abreu (2011). Biderman (2011) será nosso baluarte para o levantamento das construções com verbo suporte, bem como para a análise do grau de cristalização das unidades fraseológicas, em que serão abordados dois dos testes propostos pela autora, quais sejam: nominalização (para sequências sem verbo) e inserção (para sequências com verbo).

Serão analisadas 60 músicas, 20 de cada intérprete/época, as quais passaremos a listar:

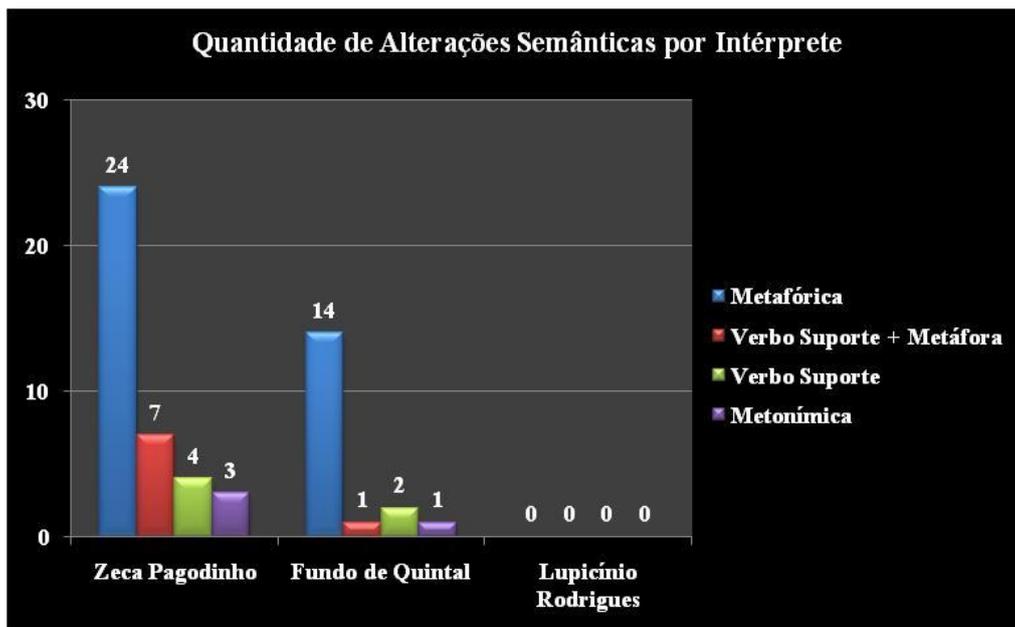
Títulos/ Compositors	Zeca Pagodinho	Fundo de Quintal	Lupicínio Rodrigues
Título:	A Ponte	A Amizade	Amigo Ciúme
Compositor:	Elton Medeiros	Djama Falcão / Bicudo / Cleber Augusto	Lupicínio Rodrigues/onofre pontes
Título:	A Rita	A Bahia te Espera	Aquele Molambo
Compositor:	Chico Buarque	Herivelto Martins/Chianca de Garcia	Lupicínio Rodrigues/rubens Campos
Título:	A Sogra	A Flor e o Samba / Samba da Antiga	As aparências enganam
Compositor:	Zé Roberto	Candeia	Lupicínio Rodrigues
Título:	Água no coco	A lã do meu cobertor	Aves Daninhas
Compositor:	Zeca Pagodinho	Não encontrada	Lupicínio Rodrigues
Título:	Ai Que Saudade do Meu Amor	A Oitava Cor	Basta
Compositor:	Zeca Pagodinho/Arlindo Cruz	Sombrinha, Sombra e Luís Carlos da Vila	Lupicínio Rodrigues - Felisberto Martins
Título:	Amor Não Me Maltrate	A Voz do Brasil	Boca Fechada
Compositor:	Monarco/Ratinho	Não encontrada	Lupicínio Rodrigues
Título:	Aquilo Que Era Mulher	Modesto Abrigo	Boneca De Doce
Compositor:	Zeca Pagodinho	Mário Sergio/Sereno	Lupicínio Rodrigues
Título:	Cachorro	Momento Infeliz	Brasa
Compositor:	Zeca Pagodinho	Não encontrada	Lupicínio Rodrigues
Título:	Cada Um No Seu Cada Um	Morena Partiu	Briga De Amor
Compositor:	Prateado / Carica	Arlindo Cruz, Acyr Marques e Sombrinha	Lupicínio Rodrigues /felisberto Martins
Título:	Camarão Que Dorme a Onda Leva	Motivos	Cadeira Vazia
Compositor:	Beto Sem Braço/ Zeca Pagodinho/ Arlindo Cruz	Cléber Augusto - Bandeira Brasil	Lupicínio Rodrigues e Alcides Gonçalves
Título:	Canastrão	Mulher Valente	Caixa de Ódio
Compositor:	Marcos Antonio Pires de Oliveira	Não encontrada	Lupicínio Rodrigues
Título:	Cidade do Pé Junto	Namoro Sério	Calúnia
Compositor:	Zeca Pagodinho/Beto Sem Braço	Arlindo Cruz/Acyr Marques/Ronaldinho	Lupicínio Rodrigues
Título:	Comunidade Carente	Nega Celeste	Cevando o amargo
Compositor:	Zeca Pagodinho	Arlindo Cruz/Jorge Carioca	Lupicínio Rodrigues – Piratini
Título:	Dona Encrenca	Nem Lá, Nem Cá	Cigano
Compositor:	Barbeirinho do Jacarezinho / Marcos Diniz	Cleber Augusto / Nei Lopes	Lupicínio Rodrigues
Título:	É Preciso Muito Amor	No Nosso Fundo de Quintal	Coisas Minhas
Compositor:	Noca da Portela / Tião de Miracema	Fernando Baster-Pedrinho da Flor	Lupicínio Rodrigues
Título:	Fiquei Amarrado Na Sua Blusinha	Nos Calor dos Salões	Conto De Lágrimas
Compositor:	Barbeirinho do Jacarezinho / Rody do Jacarezinho - BMG	Guilherme Nascimento/Roberto Serrão	Lupicínio Rodrigues
Título:	O Bicho Que Deu	Nossa Verdade	Dona divergência
Compositor:	Nilton Campolino / Tio Helio	André Renato, Sereno	Lupicínio Rodrigues
Título:	Pago Pra Ver	Nosso Miudinho	Ela Disse-me Assim
Compositor:	Nelson Rufino	Não encontrada	Lupicínio Rodrigues
Título:	Posso Até Me Apaixonar	Nova Esperança	Eu e o meu coração
Compositor:	Dudu Nobre	Ubirany/Mauro Diniz/Adilson Victor	Lupicínio Rodrigues
Título:	Seu Balancê	Ô Irene	Feiticeira
Compositor:	Paulinho Rezende e Toninho Gerais	Beto Sem Braço / Geovana	Lupicínio Rodrigues - Felisberto Martins

4. Análise



Zeca Pagodinho			Fundo de Quintal		
Nº da Música	Expressão Idiomática/Cristilizada	Origem	Nº da Música	Expressão Idiomática/Cristilizada	Origem
8	entregando-a de bandeja	1	8	afogar as mágoas	1
11	comendo todo mundo	1	6	anda à toa	1
11	jogue sua vida fora	1	17	jogar conversa fora	1
7	levou em cana	1	4	tocou meu coração	1
13	liga pra gente	1	11	batendo um bolão	1
18	pago pra ver	1	16	deito e rolo	1
11	abre o olho	1	18	tá por fora	1
18	apostei todas as cartas	1	11	tem corpo mole	1
7	o bicho pegou	1	12	tá ficando pra trás	1
18	cicatrizou a ferida	1	13	não vale a roupa que veste	1
11	enfia o pé na jaca	1	1	se ligou em você	1
14	está uma arara	1	5	se perder na poeira	1
4	eu não ligo	1	9	secou minha fonte	1
5	o tempo fechou	1	6	vive por um triz	1
16	está amarrado	1	3	mexer com as cadeiras	2
9	maré não tá pra peixe	1	12	dar um amasso	3
18	me entregar	1	12	dar um sarro	3
3	mete o nariz	1	11	dando show	4
5	não pintou	1			
13	não tem mais saco	1			
9	se correr o bicho pega	1			
8	ser a bola da vez	1			
9	peixe pequeno	1			
12	cidade do pé junto	1			
14	encheu a cara	2			
19	rabo de saia	2			
3	salário de fome	2			
13	levar um pau	3			
16	fiquei amarrado	3			
11	fique esperto	3			
4	toma juízo	3			
4	bota pra quebrar	4			
16	dão água na boca	4			
3	dá com a língua nos dentes	4			
7	deu mole	4			
20	deixa bolado	4			
15	faço das tripas coração	4			
10	faça gato e sapato	4			

Origem: Metáforica = 1
 Metonímica = 2
 Verbo Suporte = 3
 Verbo Suporte + metáfora = 4



Como podemos observar na tabela e nos gráficos acima, temos um total de 56 expressões cristalizadas no corpus analisado, destas, 38 (trinta e oito) encontradas no Grupo C e 18 (dezoito) no Grupo B. No Grupo A, não foi localizada nenhuma ocorrência.

É evidente que para uma análise mais concreta precisaríamos de *corpus* com proporções infinitamente maiores. Entretanto, mesmo nossa amostra não sendo de tamanho relevante para conclusões absolutas, o gráfico das “alterações semânticas por intérprete”, corrobora as afirmações de Vale (1999) e Abreu (2011) no que tange a origem das (Eis), já que a maioria, realmente, é de origem metafórica.

Em primeiro lugar, com 24 (vinte e quatro) ocorrências para o Grupo C e 14 (quatorze) para o Grupo B, aparecem as expressões com origem *metafórica*, em segundo as construções com *verbo suporte + metáfora*, 7 (sete) para o Grupo C e 1 (uma) para o Grupo B. Em seguida aparecem as expressões com *verbo suporte*, na quantidade de 4 (quatro) para o Grupo C e 2 (duas) para o Grupo B. Por último constatamos, embora em menor número, as (Eis) com origem *metonímica*, com 3 (três) casos para o Grupo C e 1 caso para o Grupo B.

Ao que parece, com o passar dos anos, o ritmo analisado foi adquirindo novos contornos, em que os compositores, talvez na busca de melhor atingirem o seu público alvo, ou até mesmo de abreviar caminho ao descrever histórias ou fatos triviais, migram de letras com uma linguagem mais literária para o dinamismo do mundo

contemporâneo, que abrange inclusive a linguagem. Pelo visto, nessas canções, um dos atalhos para esse objetivo é o uso corrente das (Eis).

É possível que o alto número de expressões de origem metafórica se dê ao fato de a linguagem estar se moldando ao momento histórico da língua. Nesse sentido, talvez a música tenha se tornado mais uma ferramenta que garante o entendimento da mensagem pretendida, por meio dos fraseologismos. Assim, mesmo que o ouvinte não saiba o significado exato da expressão, por comparação ou analogia, a comunicação será bem sucedida.

Os Grupos B e C apresentam um tipo de linguagem que se afasta daquele do Grupo A. As causas são possivelmente de origem mais sociológica do que linguística: poderíamos inclusive supor que o aumento significativo que se opera ao longo dos anos na frequência das expressões idiomáticas e fraseologismos nas canções tenham uma motivação da ordem da estética da recepção, ou seja, na época do Grupo A, e numa menor medida, do Grupo B, havia um público que consumia com mais avidez uma linguagem mais formal ou erudita. Mas deixemos estas análises para os estetas e sociólogos, pois nos preocupa mais observar a variação linguística do que supor motivações para as formações lexicais.

O que destacamos é que os Grupos B e C procuram espelhar de forma mais evidente a linguagem falada, enquanto no Grupo A, ainda que aborde situações corriqueiras, reveste-se, inquestionavelmente de um registro que tende ao culto/literário para expressar suas idéias. Dessa forma, existe um lirismo mais patente, o que faz a linguagem deste grupo aproximar-se mais de um registro literário do que de um registro coloquial. Esta diferença é importante e serviria muito bem para as aulas de português cujo foco são as variantes linguísticas. Como bem se sabe, ser um falante competente, no ponto de vista dos didáticos mais modernos, é ser um poliglota na sua própria língua. Ou seja, o fato de os alunos poderem ser expostos a registros distintos é inegavelmente um privilégio de um ensino/aprendizagem que se pautar pelas tendências mais importantes da linguística aplicada ao ensino.

E mais uma vez, cabe ressaltar a importância do conhecimento do léxico e das variantes lexicais – entre elas aquelas de caráter complexo (fraseologismos, idiomatismos e expressões com verbo-suporte) – que há muito são preteridas no ensino de português. Saber uma ciência constitui basicamente em saber as palavras daquela ciência, ou seja, é mais “sabido” o que tem um melhor léxico (ou seria vice-versa?).

Na análise das construções com maior ou menor grau de cristalização, através dos testes propostos por Biderman (2011), chegamos às conclusões que seguem:

Grau de Cristalização nas Sequências com Verbo		
EI	Inserção	Grau de Cristalização
abre o olho	abre muito o olho	maior
afogar as mágoas	afogar as tristes mágoas	maior
batendo um bolão	batendo um baita bolão	maior
bota pra quebrar	bota muito pra quebrar	maior
cicatrizar a ferida	cicatrizar bem a ferida	maior
comendo todo mundo	comendo sempre todo mundo	maior
dá com a língua nos dentes	dá com a língua grande nos dentes	maior
dando show	dando um grande show	maior
dão água na boca	dão água fria na boca	maior
dar um sarro	dar um engraçado sarro	maior
deito e rolo	deto e sempre rolo	maior
deixa bolado	deixa bem bolado	maior
deu mole	deu muito mole	maior
encheu a cara	encheu bem a cara	maior
enfia o pé na jaca	enfia todo o pé na jaca	maior
entregando-a de bandeja	entregando-se praticamente de bandeja	maior
está amarrado	está bem amarrado	maior
está uma arara	está uma arara grande	maior
eu não ligo	eu não ligo nada	maior
faça gato e sapato	faça gato e um bom sapato	maior
faço das tripas coração	faço das tripas lindo coração	maior
fique esperto	fique muito esperto	maior
fiquei amarrado	fiquei totalmente amarrado	maior
jogar conversa fora	jogar toda conversa fora	maior
jogue sua vida fora	jogue sua grande vida fora	maior
levar um pau	levar sempre um pau	maior
liga pra gente	liga agora pra gente	maior
maré não tá pra peixe	maré não tá pra bom peixe	maior
me entregar	me entregar rapidamente	maior
mete o nariz	mete bem rápido o nariz	maior
mexer com as cadeiras	mexer com as lindas cadeiras	maior
não pintou	não pintou nada	maior
não tem mais saco	não tem mais nenhum saco	maior
não vale a roupa que veste	não vale a roupa boa que veste	maior
o bicho pegou	o bicho nem pegou	maior
pago pra ver	pago muito pra ver	maior
se correr o bicho pega	se correr devagar o bicho pega	maior
se perder na poeira	se perder enorme poeira	maior
secou minha fonte	secou minha bela fonte	maior
ser a bola da vez	ser a bola certa da vez	maior
tá ficando pra trás	tá ficando muito pra trás	maior
tá por fora	tá completamente por fora	maior
tem corpo mole	tem corpo todo mole	maior
tocou meu coração	tocou profundamente meu coração	maior
toma juízo	toma juízo gelado	maior
anda à toa	anda sempre à toa	menor
apostei todas as cartas	apostei rapidamente todas as cartas	menor
dar um amasso	dar um belo amasso	menor
levou em cana	levou rapidamente em cana	menor
o tempo fechou	o tempo rapidamente fechou	menor
se ligou em você	se ligou muito em você	menor
vive por um triz	vive sempre por um triz	menor

A partir da análise, verificamos que o grau de cristalização das (Eis) é extremamente subjetivo, não havendo como fazer uma delimitação. As leituras e a possibilidade de inserção em diferentes contextos para uma mesma expressão são abundantes, dificultando assim, uma avaliação exata. O que vai ao encontro da colocação de Biderman (2011) de que “não há, por parte dos falantes, um consenso sobre o grau de cristalização desses segmentos, as demarcações são inconsistentes.”

Das 52 (cinquenta e duas) sequências com verbo analisadas, 45 (quarenta e cinco) aparentam ter maior grau de cristalização, apenas 7 (sete) menor grau.

Observa-se que nos 7 (sete) casos de menor grau, aplica-se diretamente a teoria postulada por Biderman (2011, p. 754) de que:

muitas expressões não são totalmente cristalizadas nem totalmente livres, mas casos intermediários de sintagmas lexicalizados que podem flexionados. A modificação adverbial, por exemplo, é possível em apenas uns poucos casos [*amigo íntimo: amigo* muito *íntimo*; mas não *vontade férrea: vontade* muito *férrea*...]

Para melhor ilustrar nossa linha de pensamento, procederemos com a análise de alguns exemplos: a expressão [*tem corpo mole*] é utilizada para pessoas que “preguiçosas” ou que se esquivam de determinada tarefa. Ao acrescentarmos o advérbio *todo* [*tem o corpo todo mole*] o sentido da expressão passa a ser de um ser com o corpo amolecido. Assim, a inserção do elemento fez com que a expressão perdesse o caráter de expressão cristalizada. Ao contrário do que acontece com a expressão [*se ligou em você*], que admite a inserção de um advérbio de intensidade [*se ligou muito em você*] sem que a (Ei) perca seu sentido inicial.

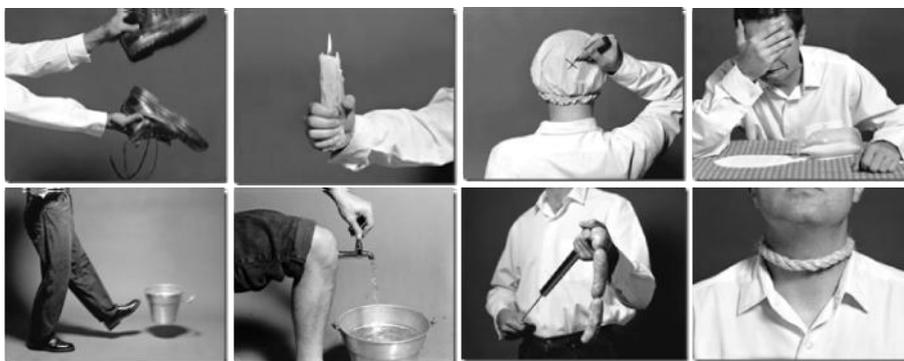
Ao menos nas bibliografias analisadas, não há uma regra que se aplique tampouco que justifique a disparidade de expressões com maior e menor grau de cristalização. O que podemos constatar, mesmo que em um *corpus* ínfimo, é que as que possuem verbo aparecem em maior quantidade 52 (cinquenta e dois) dos 56 (cinquenta e seis) expressões.

Grau de Cristalização nas Sequências sem Verbo		
EI	Inserção	Grau de Cristalização
peixe pequeno	a pequenice do peixe	maior
salário de fome	a fome do salário	maior
rabo de saia	a saia rabuda	maior
cidade do pé junto	a junção do pé da cidade	maior

Tivemos apenas 4 (quatro) ocorrências de seqüências sem verbo, sendo estas, em sua totalidade, com maior grau de cristalização. O que também não há regra que justifique tais situações.

5. Proposta de Ensino

Serão apresentadas, aos alunos, imagens de expressões cristalizadas. Eles terão que identificar o que cada uma das figuras quer dizer. As respostas serão escritas no quadro.



Partindo das imagens, serão feitos os seguintes questionamentos:

- a) O que vocês acham que significam estas imagens?
- b) Elas têm algo em comum?
- c) Vocês utilizam estas construções? Em que situações?
- d) Vocês já viram tais construções escritas em algum lugar (jornais, revistas, etc)?
- e) Vocês já ouviram alguém falá-las?
- f) Com base nas respostas escritas no quadro, o que vocês percebem que há em comum nestas construções?
- g) Qual poderia ser o nome dado a estas construções?

Com base nas respostas dos alunos, o conceito será formulado no grande grupo. Após, será entregue um pequeno resumo com as características das (Eis).

A turma será dividida em grupos de 4 alunos, cada grupo deverá pesquisar em um gênero textual diferente, o uso de das expressões. Os gêneros serão: jornal Zero Hora, jornal Correio do Povo, revista Veja, revista Capricho.

Os grupos deverão analisar se ocorre ou não o uso de expressões cristalizadas nesses gêneros textuais, após fazer uma tabela citando quantas e quais expressões foram encontradas.

Ao final, será feita uma comparação para ver em qual dos gêneros ocorreu maior número de usos das (Eis). O objetivo é que eles observem, por exemplo, se entre a Revista Veja e a Revista Capricho, que trazem conteúdos diferentes, para públicos também diferentes, existe disparidade quanto ao uso das expressões cristalizadas, em qual delas há maior incidência e por qual motivo esta diferença se apresenta. Espera-se que a Capricho traga maior número de (Eis) por focar um público mais jovem que utiliza uma linguagem mais coloquial. Tais números e ocorrências serão discutidos com o grande grupo.

As aulas de português deveriam contemplar o ensino do léxico, e entre outros tópicos, o ensino das (Eis), já que é evidente que estas expressões se aproximam da realidade das mais diferentes comunidades linguísticas. Imaginemos o quão rico poderia ser um estudo pautado na realidade sócio-cultural dos alunos, que além da abordagem de situações cotidianas, mostrasse que a língua portuguesa não se restringe somente a uma infinidade de regras e que o universo linguístico extrapola os limites impostos pela tradição gramatical.

6. Considerações Finais

A língua é viva, variável e constantemente enriquecida por diferentes culturas. Na mesma medida, a linguagem passa por constantes transformações, o que a torna um rico manancial de fenômenos para pesquisa.

As expressões idiomáticas sempre fizeram parte da linguagem, se inseridas em certos contextos, elas têm o condão de facilitar a comunicação entre os falantes, ou servir como código que segrega quem delas não tem domínio.

Na mesma medida em que alguns gramáticos não aconselham o seu uso, outros autores as defendem como expressão legítima, herança cultural que se fossiliza com o passar do tempo.

Durante o estudo realizado, foi possível observar a evolução do uso das expressões idiomáticas, sem, no entanto, nos prendermos aos motivos sociológicos que por ventura possam ter vindo a contribuir com esta.

Interessante notar que nas músicas interpretadas por Lupicínio Rodrigues, não foi encontrada uma única expressão idiomática, o que talvez possa denotar a sua preocupação estética com a clareza da transmissão de idéias, em um período histórico em que o purismo gramatical imperava. Na época das canções deste cantor, a música ainda não era um produto de massa, sendo que os toca-discos estavam nas casas de uns poucos privilegiados.

Com o passar do tempo houve a massificação do produto música para as camadas mais populares da população, por esta razão a linguagem dos compositores também teve que se modificar, o que podemos notar nas letras das músicas interpretadas pelo grupo Fundo de Quintal nos anos 60, em que, já se adaptando ao novo público consumidor, introduz expressões idiomáticas utilizadas no cotidiano da população de onde eram egressos.

Então chegamos aos anos 70 com o cantor Zeca Pagodinho, em verdade, dono do maior número de ocorrências do *corpus* analisado, o que, quiçá, com objetivo voltado para um público específico, traz uma linguagem mais voltada para o coloquial.

Embora o *corpus* seja muito reduzido, algumas constatações importantes puderam ser realizadas, entre elas está o fato de, devido à subjetividade, ser muito difícil delimitar o grau de cristalização/fixidez das (Eis). Também na análise das alterações semânticas, foi possível perceber que a quantidade de expressões com origem metafórica é muito superior as de origem metonímica, com e sem verbo suporte.

Certamente este estudo não exaure simplesmente com a conclusão deste trabalho, muitas são as possibilidades de estudo, que certamente serão exploradas em um trabalho futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, **Expressões Idiomáticas: Um Estudo Sob a Perspectiva da Linguística Cognitiva**. Signo. Santa Cruz do Sul, v. 35 n.59
Disponível em: < <http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/index>> Acesso em: 10 ago. 2011. p.92-104

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro. 37º Ed. 2002.

BIDERMAN, Maria Tereza. **Unidades Complexas do Léxico**. Disponível em: <[htt://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4603.pdf](http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4603.pdf)> Acesso em: 15 jul.2011. p. 747-757

GARRÃO, Milena Uzada; DIAS, Maria Carmelita Pádua. **Um estudo de expressões cristalizadas do tipo V+SN e sua inclusão em um tradutor automático bilíngüe. Cadernos de tradução**. Nº 08 Disponível em: <[htt://www.periodica UFSC.br/index.php/traducao/](http://www.periodica.ufsc.br/index.php/traducao/)> Acesso em 10 jul. 2011. p. 165-182.

NOIMANN, Aline. **Um Olhar sobre os Fraseologismos (locuções) em um Dicionário Bilíngüe Escolar Espanhol – Português – Espanhol**. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/12512?show=full>> Acesso em 10 ago. 2011.

SILVA, Hilda Monetto Flores. **Verbos-Suporte ou Expressões Lexicalizadas?** São Gonçalo: UERJ. 17º Ed. 2009.

VALE, Oto Araújo. **Expressões Cristalizadas: Transparência e Opacidade Signótica**. 1999.

VILELA, Mário. **As Expressões Idiomáticas na Língua e no Discurso**. Disponível em: <[http:// WWW.dll.uevora.pt/ensino/tutela_disciplina/\(tipo\)/lic/\(codigo\)/2079](http://WWW.dll.uevora.pt/ensino/tutela_disciplina/(tipo)/lic/(codigo)/2079). > Acesso em 10 ago. 2011.